

XIII Congresso Brasileiro de Sociologia
29 de maio a 1 de junho de 2007 UFPE, Recife (PE)

GT (9): Ensino de Sociologia

Título: Cinema e Ensino de Sociologia: usos de filmes em sala de aula.

Autora: Dra. Ana Lucia Lucas Martins

Instituição: UFRRJ/NUSC-UFRJ

E-mail: allumar@uol.com.br
anamartins@ufrj.br

Cinema e Ensino de Sociologia: usos de filme em sala de aula

“Naquelas mesmas terras africanas, nos primórdios do cinema, quando os espectadores menos intransigentes abriam os olhos para o novo espetáculo, mal podiam compreendê-lo. Mesmo quando reconheciam algumas das imagens de outro lugar - um carro, um homem, uma mulher, um cavalo, - não chegavam a associá-las entre si. A ação e a história os deixavam confusos. Com uma cultura baseada em rica e vigorosa tradição oral, não conseguiam se adaptar àquela sucessão de imagens silenciosas, o oposto absoluto daquilo que estavam acostumados. Ficavam atordoados. Ao lado da tela, durante todo o filme, tinha que permanecer um homem, para explicar o que acontecia (...) De pé, com um longo bastão, o homem apontava os personagens na tela e explicava o que eles estavam fazendo. Era chamado *explicador* (...)” (Carrière, J. C. “Algumas palavras sobre uma linguagem” . In A Linguagem Secreta do Cinema. Ed. Nova Fronteira, 1995)

O uso do audiovisual em sala de aula tem se apresentado com frequência como uma ferramenta de ensino. No entanto pouco se conhece sobre as condições teóricas e práticas em que tal demanda tem sido efetivada nas escolas. Ainda que as imagens sejam uma presença marcante na nossa sociedade é de se supor que a relação imagem-ensino ainda guarde alguma semelhança com o tipo surgido por ocasião do início do cinema, o *explicador*.

O objetivo desta comunicação é tratar de questões que problematizem a naturalização das imagens na sua apropriação no âmbito do ensino de sociologia e orientem seu uso para o desenvolvimento de conceitos sociológicos.

A questão mais ampla que devemos abordar é a seguinte: a partir dos conhecimentos gerados nos estudos sobre a relação imagem e ciências sociais que instrumentalização pedagógica pode ser pensada para o ensino de sociologia?

1) Imagem e sociologia: que debate é esse?

Contexto

A presença do tema imagem e ciências sociais constitui uma característica do estudo de cientistas sociais desde fins dos anos 80. Ao final da década de noventa um balanço crítico é realizado por uma série de autores sobre usos da imagem nas ciências sociais.

O aumento do número de publicações no contexto brasileiro dedicadas a expor debates e estudos que problematizam usos diferenciados das imagens na produção de conhecimento; o modo como uma interlocução com especialistas (cineastas, fotógrafos) vem se combinar para a apropriação de imagens nas ciências sociais e a formalização de disciplinas (sociologia da imagem; sociologia visual; antropologia visual; etnografia e imagem) apontam para um campo específico de reflexões. O

esforço comum dessas disciplinas é considerar a “visualidade” uma dimensão significativa da vida social nas diferentes perspectivas de conhecimento.

Entendo que os estudos sobre a relação imagem e ciências sociais incorporam a reflexão sobre imagens produzidas por diferentes suportes e com questões específicas e recorro uma dimensão do debate de modo a possibilitar entendimentos para apropriações de filmes no ensino de sociologia.

Contribuições dos campos disciplinares e caracterização do debate.

Diálogo com a história e o debate das fontes alternativas

As questões se dão num contexto mais amplo do debate da História que é o movimento de renovação da historiografia com a identificação de novos objetos e novos métodos e a ampliação do conteúdo do termo documento. E a idéia da crítica do documento.

A partir das contribuições de Marc Ferro, Pierre Sorlin e Peter Burke alguns aspectos podem ser enumerados para orientar práticas pedagógicas com usos de imagens.

A imagem não ilustra nem reproduz a realidade mas ela a reconstrói a partir de uma linguagem própria que é produzida num dado contexto histórico. O filme é um modo de compreender comportamentos, visões de mundo, valores, identidades e ideologias de uma sociedade. Um modo de lidar com essas representações é articular o contexto histórico e social que o produziu com um conjunto de elementos intrínsecos à própria linguagem cinematográfica. (montagem, enquadramento, movimentos de câmera, iluminação, cor, etc.). Filme (ficção ou documentário) é uma *construção* sobre a realidade que articula palavra, som, imagem, movimento. Logo filme não é reflexo do real, tampouco traduz a verdade dos fatos. Fruto de um imaginário (autor) que adquire determinada forma e que age sobre outros imaginários (espectador) o filme é um artefato que demanda análise interna e do contexto que o cerca cujos aspectos a serem selecionados é dado pelas questões de quem analisa.

As imagens não são nem reflexo da realidade social nem um sistema de signos sem relação com a realidade social, mas ocupam uma variedade de posições entre esses extremos. O significado das imagens depende se deu contexto social (geral, cultural, político, artísticos, as circunstâncias nas quais as imagens foram produzidas, contexto material, o lugar físico onde se pretendia exibi-la, etc) e não simples reflexos de realidades, épocas, lugares.

Breve balanço da produção nas ciências sociais.

No campo das ciências humanas, nas últimas duas décadas se verifica o interesse por explorar de modo mais sistemático as relações entre representações visuais e conhecimento da vida social. Para um conjunto de autores o interesse crescente pela linguagem visual tem sido visto como uma resposta à falência de paradigmas positivistas e representa o papel relevante da mídia na vida cotidiana.

Um balanço de produções significativas nos últimos 26 anos aponta para mudanças na abordagem dos estudos. Além de se interessar pela “natureza das imagens como *objetos*”, há de se perguntar mais “fundamentalmente, o que cada uma delas pressupõe em termos de *maneira* de ver e de *modo* de pensar”.

Outro aspecto do balanço é um diagnóstico que mostra que a transferência da banalização das imagens na sociedade contemporânea para o campo do conhecimento. Este seria um elemento que dificulta a construção de problemáticas sociológicas, conferindo uma naturalização das imagens no contexto da pesquisa (e do ensino).

Essa banalização estaria sustentada por um conjunto de atributos que acredita-se as imagens possuem, o poder do realismo, da precisão, do poder de evocar. A “força da evidência” da fotografia seria uma questão essencial ao cientista social.

Sejam as imagens fotográficas, filmicas, televisivas ou informáticas a idéia é pensar que as imagens fornecem um “modo de ver” os acontecimentos, as coisas sem reduzi-la a um documento investido de um “sentimento realista”.

Há idéia de que além de expressão de uma convenção de representação a imagem é também apropriada por indivíduos que incorporaram modos de representação e potencialidades de leitura da imagem que estão mediados pela cultura, pela sua história pessoal.

É importante ainda situá-las na sua dimensão política na medida em que as convenções resultam de disputas no modo de ver as coisas em determinados contextos histórico-sociais.

Sendo construção histórica e social, pensar as imagens significa situá-la no âmbito dos “significados culturais que elas engendram, bem como os modos como a produção e a leitura dessas imagens são mediadas”.

Contribuições para uma apropriação pedagógica a partir de Miriam Moreira Leite / Roger Chartier / Jacques Aumont.

As implicações cognitivas do trabalho com imagem são grandes pois não só aumenta a intensidade do olhar como também a qualidade da imaginação. “a descoberta do significado da imagem não existe independente do espectador e a cautelosa tarefa do professor consiste em não impor interpretações, mas em favorecer comparações e diálogos”. Desmistificar um ditado popular que aparentemente evidencia uma ligação direta entre imagem e educação: a de que a “imagem vale mais do que mil palavras”. Na contramão desta falsa proposição há que se refutar a hipótese analógica e propor lidar com as mediações que existem entre espectador e imagem. Para se lidar com textos visuais não é suficiente um aprendizado terminológico de leituras de mensagens visuais. Quando do uso da imagem no contexto escolar não se pode prescindir da idéia de que uma imagem sugere inúmeros significados latentes sendo necessária sua análise sistemática. Algumas condições deveriam ser observadas: conhecimento prévio do assunto tratado, reflexão acerca da natureza das imagens. A imagem trabalhada cognitivamente – a que resulta do conhecimento, da consciência, do ver e do saber – aumenta a intensidade do olhar e a qualidade da imaginação. Ênfase numa dimensão “construtivista” da relação do sujeito com a imagem

É possível avaliar “diferenças na partilha cultural, na invenção criativa que se encontra no âmago do processo de recepção”. Às recepções contraditórias que um mesmo texto provoca nos leitores podem ser atribuídas à multiplicidade de “aptidões e expectativas” que se diferenciam segundo a idade, gênero e usos do texto.

O ato de ler (e assim se poderia pensar o de ver) é uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares e a aceitação de mensagem está mediada por ajuste, combinações e resistências. A compreensão do papel do espectador parece fundamental para abordagem de uma relação pedagógica.

O sujeito/espectador (no caso professores e alunos) que utiliza o olho para olhar uma imagem está dotado da capacidade perceptiva, de um saber, de crenças, de afetos que são dados por configurações histórico-sociais e psíquicas que constituem a diversidade de espectadores.

2) Pontuando algumas questões sobre os usos de filme em sala de aula

Antecedentes

A relação imagem e educação está constituída desde os modos como os livros didáticos são ilustrados até a produção fílmica direcionada para a escola e a prática de usos de filmes de ficção ou documentários, produzidos pela indústria de cinema, como auxiliares de atividades didáticas em sala de aula.

Há uma relação particular que se constituiu no Brasil no contexto de intelectuais e educadores ligados à Escola Nova. Nos anos 20 e 30 concretizou-se um projeto de “cinema educativo” cujas orientações estavam ligadas às questões morais e éticas dos filmes: valorização de uma ética do trabalho, vida patriótica. A iniciativa resultou numa extensa produção cujos títulos foram em sua maioria realizados pelo cineasta Humberto Mauro que dirigia o Instituto de Cinema Educativo (INCE), e cobria áreas de conhecimento as mais diversas: zoologia, educação artística, geografia, história, física, literatura, dança, educação rural, documentação científica e industrial, música, medicina (Franco, 1987). A eficácia do projeto no campo educacional foi vista de modo crítico. Diante de uma população pouco escolarizada o projeto ficou restrito às elites urbanas. (Franco,1987).

Em contexto mais recente empresas tem se formado para produção de material audiovisual (programas de tv, vídeos, sites e cd-rooms) voltados para a educação com objetivo de ofertar novas estratégias para o ensino¹.

Professores, alunos e filmes².

A apropriação de filmes de ficção para a prática docente tem sido apreendida como uma atividade que está associada a uma escolha pelo uso de filmes e que a prática pedagógica é construída mediada pela cultura audiovisual do professor, com os contextos escolares no qual a atividade se realiza, pelo saber dos alunos e os conteúdos das disciplinas. De modo geral trabalhar com filmes em aula é visto como opção pessoal do professor e não como uma atividade incorporada no programa curricular da instituição, o que leva professores e professoras a lidar com uma série de

¹ No caso do Rio de Janeiro a Multirio- Empresa de multimeios da Prefeitura do Rio de Janeiro, criada por lei Municipal em outubro de 1993.

² Dados retirados do artigo “Imagem e Prática Pedagógica: usos de filmes em aulas de história.” (no prelo) de L. Bruno e A.L.L. Martins (2006.).

obstáculos: problemas de ordem organizacional das instituições, infra-estrutura, a formação docente, seleção – o acesso a filmes se dá a partir de informações entre colegas, sugestões contidas em livros didáticos, freqüência a cinemas ou vídeo locadoras - e em geral arcam com custos decorrentes de aluguel e acabam por constituir acervo próprio. Os professores lidam ainda com o desafio de criar métodos adequados de uso de filmes em aula: cortes de cenas, debates de assuntos polêmicos, diferenças entre “gostos”, modos de avaliação da atividade em aula. Há demonstração de que se há um esforço feito por professores e professoras para um uso adequado de imagens em atividades didáticas se constata também que a ausência de uma formação pedagógica mais sistemática com imagens restringe a exploração da riqueza dos universos audiovisuais.

Para os alunos há o “filme chato” e o “filme de ação”. Assim há que se lidar com o “gosto” pessoal do docente, a adequação em relação ao conteúdo e o “gosto” dos alunos. Por exemplo, constata-se que “filmes documentários” são preferidos pelos professores mas optam por “filmes de ficção”, mais fácil de ser encontrado em locadoras, considerado de melhor recepção pelos alunos, embora seja mencionado resistência dos alunos à filmes nacionais. O argumento utilizado pelos professores pela preferência do documentário é acreditarem que estes estão mais próximos de um “princípio de realidade”³. O filme ainda é visto não raro pelo professor como possibilidade de “retrato do tempo”. As diferenças entre as preferências dos alunos (filmes de ação) e os filmes selecionados para atividades didáticas são resultados de hábitos, gostos, formados sob influência da indústria cultural. Pode-se pensar que tanto as películas consumidas em casa, pela televisão quanto às veiculadas em salas cinematográficas, apesar da variedade de gêneros, apresentam padronização de linguagem. O filme exibido na escola contrasta com essa massificação à que o aluno-espectador está submetido. E muitas vezes considera “chato” aquilo que foge ao seu padrão de consumo audiovisual.

Um aspecto observado a partir das entrevistas era de que o uso do filme pelos professores estava associado a um “gosto”⁴ pelo cinema. Este “gosto” pelo cinema era apreendido por algum conhecimento da linguagem e técnica cinematográfica e ainda

³ A distinção entre documentário e ficção é objeto de exaustivos debates. Bernadet e Ramos (1988;36) afirmam que todo filme é uma interpretação da realidade, uma construção. Mas pode-se ficar com a seguinte definição: “filme documentário se define em filmagens de algo que aconteceria independente da realização do filme” e “filme de ficção é aquele que é preparado e representado espacialmente para as filmagens”. Para um debate mais amplo sobre as definições de ficção e documentário ver Salles (2005).

⁴ Bourdieu P (1979) propõe que se pense o “gosto” não como um dom natural. Segundo o autor necessidade culturais são produtos da educação. Os meios de apropriação dos objetos culturais estariam mais associados a níveis de instrução do que à origem social.

que fosse variável a formação cultural e intelectual dos professores estes haviam participado, em momentos de suas trajetórias de vida, de movimentos culturais, artísticos e políticos na região da Baixada Fluminense⁵. Nestes ambientes políticos e culturais se formou o “gosto” pelo cinema. O uso de filmes em sala de aula está diretamente ligado à trajetória social dos professores e professoras. O gosto pelo filme, o entendimento da linguagem, não advém de um treinamento específico mas de uma aprendizagem que realizaram ao longo da vida

A seleção é um processo que implica algumas decisões. Adequação do conteúdo do filme ao tema da aula, custos de aluguel de fitas; acesso às locadoras com títulos adequados e o conflito com o “gosto” dos alunos. Outro aspecto a ser considerado é compatibilizar o tempo de aula (50 minutos) com a duração do filme (duas horas).

O uso de filmes em sala de aula não tem como propósito a busca de correspondência entre fatos e representações imagéticas. Deve-se pensar que filmes são um modo pelo qual pessoas, no caso, cineastas, expressam suas idéias, concepções de mundo sobre temas, problemas da realidade, gerando um outro modo de conhecer que é dado através da maneira como as sociedades se produzem visualmente.

Espera-se que as considerações das questões apontadas ao longo deste trabalho gerem algum subsídio para se pensar a tarefa do professor de sociologia e os desafios de sua atividade didática quando do uso de filmes em salas de aulas.

⁵ A Baixada Fluminense é uma região da Área Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro que abriga cerca de dez municípios e tem sua imagem freqüentemente associada a índices de violência e pobreza.

Bibliografia.

AUMONT, J. (1993). *A imagem*. . Papirus. Campinas

BURKE, P. *Testemunha Ocular*. (2004). EDUSC, Bauru, S. P.

BOURDIEU, P. *La Distinction – critique sociale du jugement*. (1979) Les Editions de Minuit. Paris, França.

BRUNO, L. e MARTINS, A.L.L. (2006.).”Imagem e Prática Pedagógica: usos de filmes em aulas de história.” (no prelo) .

CHARTIER, R. “Textos, impressões e leituras”. (1992). In HUNT, L.A *Nova História Cultural*. Martins Fontes. São Paulo.

DARBON, S. “O etnólogo e suas imagens”. (1998).SAMAIN, E. (org.) *O Fotográfico*. Ed. Hucitec, São Paulo.

FELDMAN-BIANCO e MOREIRA LEITE, M (org.). (1997). *O Desafio da Imagem* Papirus, Campinas.

FERRO, M. *Cinema e História*. (1992). Paz e Terra. Rio de Janeiro

KORNIS, M. A. História e Cinema: um debate metodológico.(1992).In *Revista Estudos Históricos*. v. 5, no 10, Fundação Getúlio Vargas (FGV) . Rio de Janeiro,

MARTINS, A.L.L. *Representações de Pobreza Urbana no Cinema Brasileiro*. (1999).Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MOREIRA LEITE, M.. “Imagem e Educação”. (1995). In *Anais de Seminário. Pedagogia da Imagem, Imagem da Pedagogia*. Niterói, UFF.

_____. “A imagem através das palavras”. (2000). In *Retratos da Família*. 2ª ed. Ed. Edusp/Fapesp. São Paulo.

SALLES, J.M.- “A dificuldade do documentário” . , (2005). In (Orgs). *O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais* . Ed. EDUSC .

SAMAIN, E. “Questões heurísticas em torno do uso das imagens nas ciências sociais”.

(1997) In Feldman Bianco e Moreira Leite, M. *O Desafio da Imagem*. Papirus.

Campinas.